

PORTUGUESE

AFI

Apostolic Fellowship International

São Paulo, Brazil

3- 9 Setembro 2002

**O Ministério Apostólico
e a Unidade da Igreja**

Giovanni Traettino

O ministério apostólico e a unidade da Igreja*Observações preliminares para uma reflexão conjunta***A missão do apóstolo**

A *missão* confiada ao apóstolo é definida essencialmente por seu **mandato** (*gr.* «apostello»; ver também o hebraico «shaliah»).

Seu *mandato* abrange:

- **A revelação** do mistério de Deus
- **O anúncio** do mistério de Deus
- **A construção** do mistério de Deus

Ou seja, com uma inteligência obediente (o *pensamento* iluminado pelo diálogo íntimo e pessoal com Deus, pela busca e pela reflexão na *oração*), a transmissão fiel (a *palavra*, sobretudo na pregação e no ensino, do «*testemunho apostólico*»), a edificação (pela recuperação e restauração, ou seja, a *continuação* do «*serviço apostólico*») do mistério de Deus.

Este *mandato*, recebido «*não de parte dos homens nem por meio de um homem, mas por meio de Jesus Cristo e de Deus Pai*» (Gálatas 1:1; ver também Efésios 4:11 «**Foi ele quem deu a uns... a outros... a outros**»), é o objeto de sua revelação, seu peso e sua responsabilidade. O conteúdo e o cerne desse *mandato* são o fundamento que, antes e acima de tudo o mais, ele é chamado a estabelecer na vida das pessoas e das comunidades.

O apóstolo e a unidade

Qual é, no entanto, *a contribuição específica* do ministério apostólico para e com vistas à construção *da unidade* da Igreja?

Grande em todos os sentidos, pois tem a ver com a revelação, o anúncio e a construção do «mistério de Deus», com a responsabilidade, em primeiro lugar apostólica, de «*lançar os alicerces*» (1 Cor. 3,10-11).

O ministério apostólico é, por excelência, o ministro da unidade.

De fato, a unidade está relacionada a:

- a. **o fundamento** da vida (*identidade*) e da própria natureza (qualidade e estrutura *interna*) de **Deus** (2 Tim. 2:19 «**O sólido fundamento de Deus permanece firme**»), revelado e manifestado **em Cristo** («*a imagem do Deus invisível*», Col. 1:15).

«O cristianismo é uma imitação da natureza divina» (São Gregório de Nissa).

- b. **o fundamento** da ação e da manifestação de Deus na história por meio da **Igreja** («prorrogação» da encarnação!?) > 1 Cor. 12,12 «*outos ò Christòs*»; Ef. 1,22-23 «*a Igreja... plenitude daquele que tudo leva à plenitude em todos*»).

«A Igreja é uma imagem da Santíssima Trindade» Vladimir Lossky;

«A Trindade é a Igreja antes da Igreja» – São Gregório de Nacianzo.

É interessante considerar o caminho da Igreja como «**um caminho da Trindade para a Trindade**»

(«*O Pai, de quem toda família nos céus e na terra recebe o seu nome*» Ef 3, 14-15).

Porque:

- **a unidade** está no cerne da natureza e da revelação de Deus (Pai/Filho/Espírito Santo) («**Eu e o Pai somos um**», «*Iremos para ele e habitaremos com ele*», «**Como eu e o Pai somos um**»; o dogma trinitário: «**Um só Deus em três pessoas iguais e distintas...**»).

A Trindade se revela como uma unidade de pessoas em uma relação articulada (*estruturada* > *episcopè*) e indissolúvel (*Aliança! iBerit-Diatèke!*) de amor (*koinonia*) e de serviço (*diakonia*). Esta unidade diz respeito à própria identidade de Deus. Esta unidade *precede* e *funda* a unidade da/para a Igreja, que dela *provém* e dela se alimenta. Portanto, a unidade não é nem pode ser uma opção. Certamente uma unidade plural, mas unidade, afinal de contas. Certamente a unidade de uma relação, mas unidade, afinal de contas. A unidade não pode ser uma opção porque diz respeito à própria natureza de Deus, e, *portanto*, à natureza da Igreja. (Também nesse sentido, «A Trindade é a Igreja antes que a Igreja»).

- **A unidade** está no cerne da natureza e da revelação da Igreja, que é o reflexo e a imagem da vida trinitária de Deus («A Igreja é uma imagem da Santíssima Trindade», Vladimir Lossky).

.

O Corpo de Cristo, a Igreja como uma **aliança** de relações, como **uma comunhão** (ver a Trindade) na qual a unidade e a pluralidade se implicam inseparavelmente uma à outra.

· **A unidade** está no cerne do objetivo da “reconciliação” universal, que é o objetivo final de Deus na história (Ef 1,10; Rm 11,36).

Portanto, precisamente porque *a unidade é tão radical e central no fundamento* de Deus, da Igreja («coluna e baluarte da verdade», 1 Tim. 3,15) e da “recapitulação” final de todas as coisas em Deus, deduz-se necessariamente que o ministério apostólico (tanto individual quanto coletivo), enquanto ministério fundamental, deve ser, e não pode deixar de ser, um ministério de unidade.

Es más, **el ministerio de la comunión y de la unidad por excelencia**. Como catalizador y coordinador de los demás ministerios de Ef. 4:11, como referente central y definitivo de la koinonia, la diakonia y la episcopè de las iglesias y de la Iglesia, como continuador del servicio apostólico en la Iglesia (continuidad histórica), como responsable último de la fidelidad (verdad) al «testimonio apostólico originario» (*léase*: Antiguo y Nuevo Testamento).

La construcción de la unidad

La autoridad (*exousia*) que se le ha conferido (¡recuerda al hebreo *shaliah* y al principio rabínico según el cual el mandatario es como el mandante!) está en estrecha relación con *el mandato* que debe llevar a cabo y del cual —en cuanto «titular mandatario» y «plenipotenciario»— es responsable ante Dios.

No entanto, essa autoridade se autentica e se consolida, além da fidelidade à Palavra, também pela comunhão e submissão ao colégio apostólico. Considere-se, a esse respeito, o chamado Concílio de Jerusalém (At 15). Mas também a atitude do apóstolo Paulo, que, três anos depois de Damasco, vai passar quinze dias com Pedro (Gál 1,18), e, após quatorze anos de intenso ministério, retorna junto aos apóstolos mais proeminentes — Tiago, Cefas e João — para lhes expor o conteúdo de sua pregação e receber a confirmação e a aprovação (um precedente interessante para o desenvolvimento de uma prática de “reconhecimento”!) que lhe assegurem que não correu em vão (Gálatas 2:2). Ou ainda a humildade demonstrada por Pedro ao aceitar a correção e a repreensão quando necessário (Gálatas 2:11-16).

Na bispado pessoal

A construção é levada adiante (o tema da *continuidade* = comunhão e verdade) com os dois elementos constitutivos da ação apostólica:

- *o bispo* (At 1,20) e
- *deixou a diaconia* (At 1,25)

Ou seja, as duas funções essenciais do:

- a. *governo* (por meio da orientação, supervisão, discernimento e conexão), e do
b. *serviço*

Mais especificamente, delegadas aos *ofícios* (que não devem ser confundidos com os *ministérios*) —de «constituição» apostólica (os «12»/o Novo Testamento), em continuidade e seguindo o modelo do Antigo Testamento — dos:

- a. *presbíteros* e
b. *diáconos*

Que são, por assim dizer, “o braço direito” e “o braço esquerdo” da ação apostólica na administração das igrejas locais.

O episcopado colegiado

Embora exista uma *dimensão pessoal* e, por assim dizer, individual, tanto da *vocação* quanto do *mandato* apostólico, é indubitavelmente certo que o mandato apostólico não se esgota na dimensão pessoal, mas requer, por sua própria natureza, para o correto exercício do mesmo e para os objetivos de sua ação, também a *dimensão «colegiada»*. Existe uma *episcopè* e uma *diakonia* das quais o apóstolo individual é titular (com limites espaciais e temporais). Existe uma *episcopè* e uma *diakonia* das quais são titulares colegialmente («solidariamente») os apóstolos em relação e em comunhão entre si (At 18,28 «*Pareceu-nos bem ao Espírito Santo e a nós*»). No Novo Testamento há uma indicação clara, e em todo caso um sentido claro, da natureza colegiada do ministério apostólico. Da apostolicidade como serviço à unidade e à «catolicidade» (no tempo, no espaço e na verdade) da Igreja.

Portanto, a *koinonia dos apóstolos* é necessária para a ligação, a conexão, a unidade orgânica (e, gradualmente e em perspectiva, também organizacional = *visível!*) das comunidades locais (na dimensão translocal), nacionais e continentais (a dimensão internacional, universal, «católica») presididas por eles (*episcopè*).

Esto permite reconocer el espacio para el ejercicio del ministerio individual, pero siempre *en vínculos de unidad y verdad* con la *episcopè* colectiva, con la esfera y la responsabilidad del gobierno apostólico colegiado. **En última instancia, la apostolicidad de la Iglesia está confiada a los apóstoles en comunión de amor y de verdad entre ellos.**

La *koinonia* y la unidad de los apóstoles son necesarias como *diakonia* autorizada para que la Iglesia universal crezca en el amor y en la verdad (de la verdad en la caridad a la verdad en la unidad) en nuestras Iglesias particulares y en toda la Iglesia, con vistas a esa «plenitud» ya expresada en Cristo, y que sigue siendo la meta ineludible de Dios para toda la Iglesia.

Giovanni Traettino

Jorge Himitian

O ministério apostólico e a unidade da Igreja

INTRODUÇÃO

A unidade da Igreja tem sido um tema muito debatido nas últimas décadas em quase todos os círculos cristãos. E graças a Deus por isso. Esta é uma das grandes questões pendentes que temos, especialmente no setor protestante da Igreja.

Alguns, quando falam de unidade, aplicam-na apenas à sua própria congregação ou denominação. Embora seja um bom ponto de partida, não é correto limitá-la a um âmbito tão restrito. Outros alargam um pouco mais o círculo e procuram a unidade de todos aqueles que lhes são semelhantes. Por exemplo, a unidade de todos os carismáticos, a do povo pentecostal ou a dos evangélicos em geral.

A maioria defende uma unidade fraterna. Que as denominações permaneçam intactas, mantendo cada uma a sua própria identidade, mas que nos tratemos com amor, respeito e ética, e que realizemos atividades conjuntas com alguma frequência. Isto, embora signifique um grande avanço – e glória a Deus! pois é o que está a acontecer em muitos lugares –, devemos, no entanto, encarar-no como um objetivo intermédio.

Há também quem diga: «Já somos um em Cristo; a unidade é espiritual». Em parte, isso é verdade. Mas também é verdade que, na prática, nós, cristãos, estamos divididos. Tal como aquele casal que, embora para Deus continuem a ser uma só carne, está separado.

Qual é hoje a responsabilidade do ministério apostólico e profético nesta matéria? E qual é a contribuição que estes ministérios podem e devem dar para continuar a avançar rumo à unidade da Igreja do Senhor na sua plenitude, tal como Jesus pediu ao Pai em João 17?

I - A REVELAÇÃO DO MISTÉRIO DA SUA VONTADE

*“...De acordo com as riquezas da sua graça, que nos concedeu em abundância, com toda a sabedoria e inteligência, **revelando-nos o mistério da sua vontade**, segundo o seu beneplácito, que ele havia proposto em si mesmo, **de reunir todas as coisas em Cristo**, na*

dispensação do cumprimento dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.” (Ef. 1.7-10)

A palavra-chave que, neste texto, revela o mistério da sua vontade é «reunir». Este verbo em grego é: **anakefalaioistai**. **Ana** = de novo / **kefalai** = cabeça. Significa: unir novamente sob uma única cabeça. O significado do texto é que Deus nos revelou o mistério da sua vontade, que consiste em REUNIR NOVAMENTE TUDO SOB UMA ÚNICA CABEÇA: CRISTO.

Esta expressão era usada antigamente quando um exército, derrotado, dizimado e disperso, sob o comando de um novo comandante-geral, se reunia, reagrupava e reorganizava. Esta afirmação pressupõe que, anteriormente, tudo estava harmoniosamente unido e que, posteriormente, essa unidade foi quebrada, que tudo foi destruído e dividido. Deus, na sua presciência, sabia que isto iria acontecer com a humanidade e, de antemão, propôs-se a si mesmo unir tudo novamente sob Cristo como cabeça.

O cosmos foi criado por Deus. Cosmos significa ordem, harmonia. Deus criou tudo em unidade, ordem e perfeita harmonia. A raiz da palavra «Universo» é UM. O universo era um sob o comando de Cristo como cabeça.

Qual era o plano original de Deus? A unidade de tudo e de todos. Um mundo unido, belo e harmonioso. O homem em comunhão com Deus; unido em amor ao seu Criador. O homem em união com a sua mulher, com os seus filhos, com o seu próximo. Uma sociedade unida, solidária, sem egoísmos nem rivalidades; uma humanidade que vivesse em paz e no amor; onde cada um, imbuído do amor de Deus, amasse o seu próximo como a si mesmo. E também o homem em harmonia e unidade com toda a criação.

Mas, infelizmente, o homem rebelou-se contra Deus, aceitando a proposta do inimigo de Deus, e pecou. Foi assim que o pecado entrou no mundo e, por causa do pecado, a morte. A morte significa separação, divisão. O homem tornou-se inimigo de Deus e do seu próximo. Surgiram os ciúmes, as invejas, as lutas, os homicídios, os fratricídios, as guerras, as injustiças, os divórcios, a ganância, a distribuição injusta das riquezas, os conflitos sociais, a discriminação racial, etc. A história da humanidade é uma história de guerras, sangue, ódio, violência, crimes e morte. Tão longe do modelo de sociedade projetado por Deus! A própria natureza foi afetada pelo pecado do homem, o vice-rei da criação.

O modelo de sociedade concebido por Deus pode ser resumido numa única palavra: IGREJA.

II - O QUE É A IGREJA?

Embora sejam afirmações óbvias, considero pertinente esclarecer, em primeiro lugar, que a igreja não é um edifício material onde nos reunimos para adorar a Deus (1). Também não é uma instituição humana de caráter jurídico-legal (2).

(1) Embora todos nós, inclusive os crentes, chamemos de igreja um edifício físico onde nos reunimos, isso é um erro. Nenhum edifício físico é uma igreja. Nós não vamos à igreja; nós somos a igreja. Este erro tão generalizado, e que poderia até parecer inofensivo e insignificante, tem, no entanto, consequências graves, pois distorce a visão da igreja segundo Deus, tanto na sua unidade como no compromisso de viver uma vida consagrada a Deus na sua totalidade, sem a falsa dicotomia entre o sagrado e o secular.

(2) Mesmo que a igreja disponha de um ou vários instrumentos jurídicos para certas questões temporais, tais como: Associação Civil, Fundação, Sociedade sem fins lucrativos, etc., com Personalidade Jurídica ou Religiosa,

No entanto, o grande erro é confundir a identidade da Igreja com estas instituições temporárias e reger-se por estatutos ou regulamentos humanos.

A Igreja é aquela parte da sociedade que agora está em Cristo. Somos os filhos de Adão que aceitamos Cristo como nosso Senhor e, em virtude do sacrifício redentor do Filho de Deus, nos reconciliámos com Deus e com o nosso próximo.

Num mundo dividido, em conflito, onde reinam o individualismo, o egoísmo, a injustiça, a competição e as guerras, a Igreja é aquela parte da humanidade que, em Cristo, volta a ser uma só com Deus e com os seus irmãos. A Igreja, na sua essência, é sinónimo de perdão, de paz, de reconciliação, de amor, de serviço. A Igreja é comunidade, família, unidade; é beijo sagrado, abraço fraterno, pão partilhado, comunhão de bens, afeto íntimo; é o fim da solidão, do individualismo, das divisões e das guerras. A Igreja é o «Shalom» de Deus instalado entre os homens para manifestar ao mundo o maior de todos os milagres.

A igreja é a resposta visível de Deus a todos os problemas da humanidade. O sal e a luz, o modelo do que Deus propõe a todas as nações. «...*Para que agora seja dada a conhecer a multiforme sabedoria de Deus, por meio da **Igreja**, aos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo o desígnio eterno que realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor*» (Ef 3,10-11).

III - A UNIDADE DA IGREJA

A própria Trindade é o modelo desta unidade. Jesus orou muito especificamente pela sua igreja: «*Pai santo, guarda aqueles que me deste no teu nome, para que sejam um, assim como nós.*» (Jo 17,11) «... *Que todos sejam um; como tu, ó Pai, em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste*» (v. 21).

Jesus pediu ao Pai a unidade visível de todos os seus discípulos, não no céu, mas aqui na terra, e segundo o sublime modelo da Trindade. Pediu unidade e santidade.

A igreja é a concretização do sonho de Deus na terra, o projeto eterno de Deus para a humanidade. Esse sonho foi potencialmente consumado na cruz. *«Porque ele é a nossa paz, que de ambos os povos fez um só, derrubando a parede intermédia de separação, abolindo na sua carne as inimizades, a lei dos mandamentos expressos em ordenanças, para criar em si mesmo, a partir dos dois, um único e novo homem, fazendo a paz, e «pela cruz, reconciliou ambos com Deus num só corpo, eliminando as inimizades.»* (Ef 2,14-16).

Em Jerusalém

O sonho de Deus tornou-se visível na terra a partir do Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu e encheu os cento e vinte, e depois os três mil, com o poder da morte e da ressurreição do Filho de Deus. Lucas descreve-o com tanta graça:

«Todos os que tinham acreditado estavam reunidos e tinham tudo em comum; vendiam as suas propriedades e os seus bens e distribuíam-nos a todos, de acordo com a necessidade de cada um. E perseveravam todos os dias no templo; e, partindo o pão nas casas, comiam juntos com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava diariamente à igreja aqueles que estavam a ser salvos.» (Atos 2.44-47)

«E a multidão dos que tinham acreditado era de um só coração e uma só alma; e ninguém dizia que nada do que possuía lhe pertencia, mas tinham tudo em comum.» (Atos 4,32)

Este projeto social de Deus para a humanidade só é realizável com aqueles que estão em Cristo, os quais, tendo-se afastado do modo de vida e da corrupção que há no mundo, devido à concupiscência, foram tornados participantes da natureza divina. E é assim que, finalmente, surge no mundo a primeira comunidade que vive na terra segundo a vontade de Deus. O egoísmo foi superado pelo amor de Deus, que agora habita no coração dos discípulos pelo Espírito Santo.

Em Jerusalém, o número de discípulos crescia consideravelmente, mas *«a multidão dos que tinham crido era de um só coração e de uma só alma»*. A igreja continuava a manter a sua unidade. Os apóstolos formavam um único ministério. Não havia entre eles as disputas carnis anteriores ao Pentecostes, pois tinham aprendido a andar no Espírito.

A igreja era uma comunidade dinâmica e versátil, reunia-se no templo e nas casas, mas mantinha sempre a sua identidade e a sua unidade. O texto bíblico nunca diz «as igrejas» (no plural) que estavam em Jerusalém; sempre que se refere à totalidade dos crentes de uma determinada cidade, a expressão «igreja» está no singular. *«O Senhor acrescentava... à igreja...»* (Atos 2.47). *«Houve uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém»* (Atos 8.1). *«E Saulo devastava a igreja...»* (Atos 8.3).

Em tempos de perseguição, toda a igreja de uma cidade não tinha a possibilidade de se reunir num único local; no entanto, isso não alterava a realidade da sua unidade: continuavam a ser uma única igreja, funcionavam como um único corpo, com um único pastorado, apesar de só se poderem reunir em casas particulares.

Em Antioquia

O evangelho espalhou-se por outras regiões e cidades e, conseqüentemente, pela igreja. É em Antioquia que surge pela primeira vez uma numerosa igreja «mista», formada por gentios e judeus convertidos a Cristo. E embora ainda não tivesse ocorrido o Primeiro Concílio Cristão em Jerusalém, nem tivesse sido escrita a epístola aos Efésios, a vida de Deus em cada discípulo, fosse ele gentio ou judeu, era tão forte, o abraço e o amor entre irmãos de diferentes raças e origens eram tão autênticos que, sem terem estudado teologia nem eclesiologia, estavam a experimentar a gloriosa realidade de SER IGREJA na sua expressão mais pura: homens e mulheres, judeus e gregos, ricos e pobres, escravos e senhores, agora em Cristo eram um; eram *“a igreja que estava em Antioquia”* (Atos 13.1). Um ministério plural e multicultural pastoreava-a. Havia diversidade de dons: profetas e mestres, mas não diversidade de igrejas. A ninguém lhe ocorria sugerir sequer a formação de duas igrejas diferentes na cidade: a “Igreja Cristã Gentia” e a “Igreja Cristã Judaica”. A denominação ICG e a ICJ. A divisão ancestral entre judeus e gentios tinha desaparecido. Os gentios, ressentidos por tanto desprezo da parte dos judeus, agora amavam-nos. Eram irmãos. Quando souberam que a fome se abateria sobre a terra, enviaram imediatamente ajuda aos irmãos que habitavam na Judeia. (Atos 11,27-30).

A principal preocupação dos apóstolos do século I era a unidade e a santidade da Igreja. A decisão tomada no Concílio de Jerusalém visava precisamente evitar a divisão da Igreja em torno da questão da circuncisão. Para os apóstolos, a unidade da Igreja era um valor inegociável.

IV - DESACORDOS EM CORINTO

Cuando Pablo se entera que en la ciudad de Corinto había contiendas entre los hermanos, y cuatro bandos en la iglesia, urgentemente les escribe una carta. La carta está dirigida explícitamente *“A la iglesia de Dios que está en Corinto”*. (1 Cor.1.2). Notemos otra vez el singular de la palabra “iglesia”. Pablo no admite bajo ningún punto de vista la posibilidad de la división de la iglesia que está en una misma ciudad. Funcionalmente, puede y debe haber una iglesia en Corinto y otra en Tesalónica, pues son dos ciudades diferentes, pero no dos o más iglesias en una misma ciudad.

El primer argumento de Pablo es contundente y absoluto: *“¿Acaso está dividido Cristo?* (1.13). Pablo era un apóstol, tenía revelación del misterio de Cristo y de la iglesia. Él sabía

que la iglesia y Cristo eran el anverso y el reverso de una misma moneda. Él sabía por experiencia que perseguir a la iglesia era perseguir a Cristo. Si Cristo es uno y no puede ser dividido, la iglesia tampoco. *“Porque somos miembros de su cuerpo, de su carne y de sus huesos. Por eso dejará el hombre a su padre y a su madre, y se unirá a su mujer, y los dos serán una sola carne. Grande es este misterio; mas yo digo esto respecto de Cristo y de la iglesia.”* (Ef.5.30-32)

A divisão da Igreja é uma caricatura grotesca da nova criação, que atenta contra a própria essência e natureza da Igreja. É uma incoerência.

Se as divisões, os ciúmes, as disputas, as ambições, as invejas e as rivalidades que existem no mundo persistirem na igreja, ter-se-á chegado ao cúmulo da contradição, e a igreja terá perdido a sua essência. Ter-se-á tornado carnal e seguirá o mesmo caminho do mundo. (1 Coríntios 3,3-4).

Paulo, com autoridade apostólica, corrige esta divisão que estava a surgir em Corinto. Não permite, de forma alguma, que haja uma igreja de Paulo, outra de Pedro, outra de Apolo e outra de Cristo. A igreja não é de Paulo nem de Pedro, embora eles tenham sido os instrumentos que Deus usou. A igreja é de Deus e de mais ninguém. Paulo e Apolo são servos e não senhores. O fundamento da igreja não é nenhum apóstolo ou líder, é Jesus Cristo, e ninguém pode colocar outro fundamento (1 Cor. 3.5-11).

Lewis B. Smedes, no seu livro «All Things Made New» (W.B. Erdmans Publishing Co. – 1970, publicado em espanhol com o título «Todas las Cosas Nuevas», pela Editorial Aurora – 1972)

Diz: *«Há um único Senhor, Jesus Cristo. Será que Ele tem um único corpo para realizar a Sua obra na terra? Ou será que criámos, na verdade, muitos corpos de Jesus Cristo? Quando Paulo perguntou, horrorizado e sem conseguir acreditar: “Está Cristo dividido?”, estava a reagir perante um facto consumado. Por outro lado, essa era a sua maneira de argumentar que, dada a identidade da igreja, a sua divisão era impensável, contraditória, inconcebível.»*

«...É impossível conceber um corpo dividido; é contraditório, impensável. E, no entanto, é real. Paulo não diz: isto não pode acontecer aqui. Ele está a dizer: esta situação horrível é antinatural.»

«...Se numa comunidade — em Corinto ou em qualquer outro lugar — existem vários grupos, com mesas separadas ou ainda em conflito uns com os outros, chegámos, no nosso pecado, à terrível impossibilidade: Cristo está dividido. E é aqui que deve desenrolar-se, em oração, o mais urgente e difícil processo de cura.»

«...A situação atual do corpo de Cristo deve ser lamentada e declarada intolerável. É ainda menos tolerável a nível local, onde comunidades rivais, exclusivas, amarguradas e

separadas de forma caprichosa pretendem, todas elas, ser o corpo de Cristo.» (pp. 212-214)

V - APÓSTOLOS E PROFETAS: CANAIS DE REVELAÇÃO

*“Por isso, eu, Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus por vós, gentios; se é que já ouvistes falar da administração da graça de Deus que me foi concedida para convosco; que, por revelação, me foi declarado o mistério, como já escrevi brevemente, ao ler o qual podeis compreender qual é o meu conhecimento no **mistério de Cristo**, mistério que, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como **agora é revelado aos seus santos apóstolos e profetas pelo Espírito**” (Ef. 3.1-5).*

O apóstolo Paulo afirma que o mistério, oculto desde os séculos em Deus, foi revelado aos apóstolos e profetas da sua geração pelo Espírito Santo; e, por meio deles, foi manifestado aos santos (Col 1,26). A esse mistério (segredo) chama-lhe «o mistério de Cristo» (Ef 3,4); «o mistério da sua vontade» (1,9); o mistério de Cristo e da sua igreja (5,32).

A Epístola aos Efésios é, sem dúvida, aquela que contém o mais elevado nível de revelação sobre a igreja. Nela, Paulo transmite a visão daquela igreja que Deus concebeu na sua mente e no seu coração antes da criação do mundo. A igreja que Deus se propôs em si mesmo, segundo o puro desejo da sua vontade.

Que circunstância levou Paulo a escrever esta epístola enquanto se encontrava preso em Roma? Na sua terceira viagem apostólica, Paulo dedicou três anos de ministério na cidade de Éfeso. A cidade tinha sido abalada por um grande avivamento (Atos 19). Tudo indica que um grande número de judeus tinha acreditado no Messias e um número ainda maior de gentios. A comunidade cristã naquela cidade, tal como em muitas outras cidades, era composta por judeus e gentios convertidos a Jesus Cristo. O uso frequente de «nós» e «vós» revela que Paulo se dirigia explicitamente a esses dois grupos definidos. Paulo não nega nem disfarça essa realidade que, aliás, gerava tensões e dificuldades na irmandade, e se vislumbrava uma ameaça de divisão. Por um lado, as imposições dos judaizantes; por outro, os gentios convertidos sentindo-se talvez membros de segunda categoria. As antigas raízes da rivalidade entre judeus e gentios podiam ressurgir.

Nos três primeiros capítulos da epístola e na metade do quarto, Paulo, com a autoridade apostólica que lhe confere a revelação recebida de Deus, rejeita definitivamente qualquer proposta de divisão, como, por exemplo, a formação de duas igrejas na cidade de Éfeso, uma judaica e outra gentia. Todo aquele que tem revelação sobre a igreja sabe que isto é diametralmente oposto à obra da cruz. Seria como reconstruir o muro que Cristo derrubou na cruz. Com que clareza e autoridade celestial Paulo proclama e estabelece a unidade da igreja, não só para os efésios, mas para todas as gerações.

*«Porque ele é a nossa paz, que **fez dos dois povos um só**, derrubando a parede divisória que os separava, abolindo na sua carne as inimizades, a lei dos mandamentos expressos em ordenanças, para criar em si mesmo, a partir dos dois, **um único e novo homem, fazendo a paz**, e, por meio da cruz, reconciliar com Deus **ambos num único corpo**, matando nela as inimizades. E veio e anunciou as boas novas da paz a vós que estais longe, e aos que estão perto; porque por meio dele, uns e outros temos acesso ao Pai por um mesmo Espírito. Assim, já não sois estrangeiros nem forasteiros, mas **concidadãos dos santos e membros da família de Deus**, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo a pedra angular o próprio Jesus Cristo, em quem **todo o edifício, bem coordenado**, cresce para se tornar **um templo** santo no Senhor; em quem também vós sois **conjuntamente edificados** para morada de Deus no Espírito.» (Ef. 2,14-22)*

*«...para que possais compreender qual é o meu conhecimento do mistério de Cristo, mistério que nas gerações anteriores não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, mas que agora é revelado aos seus santos apóstolos e profetas pelo Espírito: que os gentios são **co-herdeiros e membros do mesmo corpo, e coparticipantes** da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho”,
(3.4-6).*

De acordo com a revelação dada aos apóstolos e profetas, a igreja é um único povo, um único e novo homem, um único corpo, uma única família, uma única nação, um único edifício bem coordenado que cresce para se tornar um único templo, a morada de Deus. Não há nela categorias nem divisões. Todo filho de Deus, independentemente da raça ou nação de onde venha, pertence à mesma família de Deus, é membro do mesmo corpo. Esta é a igreja que o Pai planeou desde a eternidade. É a igreja que Cristo realizou com a sua morte e ressurreição. E esta igreja única é aquela que os apóstolos colaboraram com Deus para edificar.

No Novo Testamento, a imagem dominante que se refere à igreja é a do corpo. Muitos membros, mas um só corpo. Diversidade de dons, diversidade de ministérios, mas nunca diversidade de igrejas.

Como já referimos, para os apóstolos, essa unidade devia ter a sua expressão prática e visível na igreja de cada cidade. Paulo não permitiu que as divisões prevalecessem em Corinto. Nem em Éfeso, nem em qualquer outra cidade. Os cristãos reuniam-se principalmente nas casas. Numa mesma cidade, podiam reunir-se em várias ou em muitas casas, dependendo do seu crescimento numérico, mas todas elas como parte da única igreja de Cristo na cidade. No final do primeiro século, cerca de 40 anos após o estabelecimento da igreja na Ásia, Jesus Cristo dirige-se à **igreja em Éfeso**, e à igreja de cada uma das outras seis cidades daquela região (Apocalipse, capítulos 2 e 3).

O fundamento estabelecido pelos apóstolos sobre a unidade da Igreja foi tão claro e firme que, apesar das lutas, heresias e grandes dificuldades que surgiram nos séculos seguintes, a Igreja sempre lutou para manter a sua unidade. Historicamente, sempre se reconheceu que a Igreja é UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA.

VI - AS DIVISÕES HISTÓRICAS

A primeira divisão oficial da Igreja ocorreu apenas em 1054, a que os ocidentais chamaram de «o cisma do Oriente». Mas essa divisão não afetou muito o povo. Tratou-se, antes, de uma divisão ao nível da cúpula internacional. Em cada cidade e nação, a Igreja continuou a manter a sua unidade.

A divisão atual da Igreja começou praticamente a partir do século XVI. E o panorama atual, com milhares de denominações no mundo, é algo ainda muito mais recente. Lutero acreditava na unidade da Igreja. Ele queria ser um reformador dentro da Igreja ocidental, mas não teve escolha: foi excomungado. Conhecemos bem a história a partir daí. Divisões e mais divisões sucederam-se. Algumas por divergências doutrinárias, outras por causas menos nobres. Muitas vezes, a igreja tradicional não soube ser receptiva às mudanças legítimas que vinham com os avivamentos. Outras vezes, porque os renovadores iam além da ortodoxia.

A realidade prática de hoje é que a Igreja, especialmente no setor protestante, está dividida. A divisão atual da Igreja não tem qualquer fundamento bíblico nem teológico; só podemos explicá-la historicamente e observar com tristeza como aconteceu o que nunca deveria ter acontecido.

VII - OS MOVIMENTOS NO SÉCULO XX

O movimento pentecostal

No início do século XX, surge o movimento pentecostal. Deus derrama soberanamente o Seu Espírito em reuniões de oração livres, sem liturgias pré-estabelecidas. Derramamentos do Espírito, carismas, poder, curas, conversões, profecias e milagres começam a tornar-se cada vez mais frequentes. A «experiência» de Deus confere ao crente o fervor («fogo») necessário para a sua expansão local e mundial. Em pouco tempo, torna-se o movimento religioso com maior crescimento no mundo. No entanto, a par desta expansão, crescem e multiplicam-se também as divisões, e de forma significativa. Em meados do século XX, observa-se, a nível macro, outra grande divisão: os pentecostais e os não-pentecostais. (Graças a Deus, hoje praticamente superada ou em vias de ser superada). O movimento pentecostal, em geral, nunca repensou a questão da divisão da igreja; herdou as divisões

históricas existentes e, na ausência de reflexão teológica a esse respeito, por sua própria dinâmica e espontaneidade, multiplicou as divisões.

Movimentos mais recentes

Nos últimos 40 anos, a ação soberana do Espírito de Deus chegou a todas as partes do mundo, ultrapassando barreiras denominacionais, mesmo as maiores, como a divisão entre católicos e protestantes. Nós, que aqui estamos reunidos, podemos testemunhar que fomos alcançados por essa ação de Deus. Alguns definiram-no como «movimento carismático», «neopentecostalismo», «movimento de renovação e restauração da igreja», etc. Não estamos preocupados em encontrar o nome mais apropriado, mas sim em interpretar fielmente a intenção e a direção do mover de Deus neste momento transcendente da história, a fim de sermos seus colaboradores.

Nos anos 60 e 70, uma palavra-chave em muitos desses círculos carismáticos ou neopentecostais era «restauração». A visão e a fé que se tinham era de que, no atual mover do Espírito, Deus iria restaurar na sua igreja a espiritualidade, os princípios e as verdades que ela tinha perdido ao longo da sua história. Estamos cientes de que a recuperação das verdades bíblicas começou na Reforma, mas que esta deve continuar até ser concluída. Algumas das principais verdades e práticas que foram reveladas aos seus servos em muitas partes do mundo neste tempo são: a adoração, o evangelho do reino, a unidade da igreja, o discipulado, o propósito eterno de Deus, a validade de todos os dons e ministérios (incluindo o dom apostólico), a missão integral da igreja no mundo, etc.

Em muitos tem-se vindo a desenvolver a convicção de que Deus se propôs a visitar toda a sua igreja no mundo e deseja reorientá-la completamente para o fundamento estabelecido pelos apóstolos e profetas do primeiro século. Em maior ou menor grau, hoje são muitos os que estão a experimentar uma renovação espiritual e, gradualmente, estão a regressar aos princípios bíblicos. Isto é um facto altamente positivo e um grande desafio de fé. Também estamos cientes de que toda a mudança e transição cria tensões e apresenta novos perigos.

VIII – O GRANDE MOMENTO HISTÓRICO (O KAIRÓS DE DEUS)

Na nossa geração, ocorreu um importante ponto de viragem. As muitas divisões que tiveram origem na Reforma, como linhas divergentes, começaram a desvanecer-se para se transformarem em linhas convergentes. Hoje, existe uma aproximação muito valiosa entre os diferentes setores da Igreja. As atitudes agressivas e belicosas do passado estão a ser deixadas de lado. Há diálogo, abertura, reflexão, comunhão, mudanças, reconciliações... Também existem riscos; e alguns sérios. Como, por exemplo: a unidade sem santidade, sem verdade, sem a pureza da fé. O que é um ecumenismo humano em que não importa

aquilo em que se acredita ou como se vive. Obviamente, essa não é a unidade que Deus deseja.

O progresso alcançado no sentido da unidade é muito valioso, mas ainda é pequeno. É importante se for o início de um processo que se prolonga; caso contrário, é insignificante.

VIII – O GRANDE MOMENTO HISTÓRICO (O KAIRÓS DE DEUS)

Na nossa geração, ocorreu um importante ponto de viragem. As muitas divisões que tiveram origem na Reforma, como linhas divergentes, começaram a desvanecer-se para se transformarem em linhas convergentes. Hoje, existe uma aproximação muito valiosa entre os diferentes setores da Igreja. As atitudes agressivas e belicosas do passado estão a ser deixadas de lado. Há diálogo, abertura, reflexão, comunhão, mudanças, reconciliações... Também existem riscos; e alguns sérios. Como, por exemplo: a unidade sem santidade, sem verdade, sem a pureza da fé. O que é um ecumenismo humano em que não importa aquilo em que se acredita ou como se vive. Obviamente, essa não é a unidade que Deus deseja.

O progresso alcançado no sentido da unidade é muito valioso, mas ainda é pequeno. É importante se for o início de um processo que se prolonga; caso contrário, é insignificante.

Nuestra gran pregunta en el tema propuesto es la siguiente: Ante el cuadro actual de la iglesia, con sus complejas e innegables divisiones, ¿Qué debemos hacer? ¿Qué quiere el Señor que hagamos?

Y específicamente, como lo planteamos en la introducción ¿Cuál es hoy la responsabilidad del ministerio apostólico y profético sobre este asunto?

Yo veo, a grandes rasgos, tres opciones o caminos a seguir:

1) MANTENER EL “STATU QUO” ACTUAL DE LA DIVISIÓN

Somos expertos en argumentaciones. Podemos **justificar la división actual** de la iglesia con argumentos racionales, ilustraciones, y hasta “usando” versículos y ejemplos bíblicos: Que la unidad será en el cielo, que la unidad es espiritual e invisible, que las denominaciones son como las doce tribus de Israel, que la iglesia es como un gran árbol con muchas ramas, etc.

También muchos han creado una “teología de resignación”. Yo le llamo “la teología de la zorra” que al no poder alcanzar las uvas dijo: “Las dejo porque están verdes”. Así están muchos; saben que la unidad es la voluntad de Dios, pero no tienen fe en que pueda ser alcanzada aquí en la tierra.

2) FAZER UMA REVOLUÇÃO.

Podemos pegar nas verdades bíblicas e atacar as denominações, na tentativa de sermos nós a promover a unidade. Esse caminho já foi experimentado; o único resultado é criar divisões ainda maiores.

3) UMA EVOLUÇÃO HOMOGÉNEA.

Em termos bíblicos, isto é CRESCER. O crescimento de uma criança é uma evolução homogénea; as mudanças não são traumáticas, mas sim naturais, normais e graduais. Da mesma forma, a unidade da igreja será um processo gradual que o próprio Deus operará no seu povo. Em Efésios 4.13-16, Paulo fala deste processo:

*“... até que todos cheguemos à **unidade da fé** e do conhecimento do Filho de Deus, a um homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo; para que já não sejamos crianças instáveis, levadas de um lado para o outro por todo o vento de doutrina, pela astúcia de homens que, para enganar, empregam com astúcia os artifícios do erro, mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, isto é, Cristo, de quem **todo o corpo, bem ajustado e unido entre si** por todas as juntas que se ajudam mutuamente, segundo a atividade própria de cada membro, recebe o seu crescimento para se edificar em amor”.*

Paulo menciona em Efésios 4, **três níveis progressivos de unidade**:

- A unidade do Espírito. «*Esforçai-vos por manter a unidade do Espírito...*» (v. 2-3). Para vivermos neste primeiro nível de unidade, precisamos de humildade, mansidão, paciência e amor, no vínculo da paz (v. 2-3)
- A unidade da fé. «*Até que todos cheguemos à unidade da fé...*» (v. 13). Esta expressão indica duas coisas: que se trata de um processo e que, um dia, todos iremos acreditar no mesmo. Estamos nesse processo.
- A unidade do corpo. «*Todo o corpo, bem coordenado e unido entre si por todas as articulações...*» (v. 16). Deus está a agir e a unir a sua igreja. Chegará o dia em que todos os filhos de Deus formaremos um único corpo, bem unido entre si, sob a única cabeça que é Cristo.

A nossa responsabilidade é **acreditar** que Deus **isso quer** fazer; e que **o pode** fazer. Mas a fé é ainda mais do que isso, é «*a certeza do que se espera, a prova do que não se vê*». Fé é dizer: **Deus vai fazê-lo!** E com essa fé, rezar para que o faça; com essa fé, ir ao encontro do irmão, amá-lo, reconciliar-me com ele, aprender com ele, aprender junto com ele e, em comunhão com todos os santos, crescer juntos até que todos cheguemos à medida da estatura da plenitude de Cristo.

IX – A RESPONSABILIDADE DO MINISTÉRIO APOSTÓLICO HOJE

No Novo Testamento, é possível distinguir **três tipos de apóstolos**:

1. OS DOZE APÓSTOLOS. Eles tinham um caráter único por serem as testemunhas da vida, morte, ressurreição e ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Além disso, foram os destinatários diretos dos ensinamentos de Jesus. Com a ausência de Judas, aquele que o substituiu tinha de reunir essas condições. (Atos 1,15-26)
2. OUTROS APÓSTOLOS DO PRIMEIRO SÉCULO. O Senhor constituiu outros apóstolos, como Paulo e Bernabé, que, juntamente com os doze, foram os destinatários da revelação do mistério de Cristo e da sua igreja (Ef 3,1-7). Eles tiveram a função pioneira, única e irrepetível de estabelecer o fundamento doutrinário e kerigmático da igreja para todos os séculos (Ef 2,20). Esse fundamento é completo e imutável, não admite acréscimos nem modificações posteriores (Gal 1,8-9).
3. O MINISTÉRIO APOSTÓLICO DE CARÁCTER PERMANENTE. De acordo com Efésios 4:11-16, Cristo continuará a constituir na sua igreja apóstolos, profetas, evangelistas e pastores/mestres até que a edificação do corpo de Cristo esteja completa. A função destes apóstolos é evangelizar (com milagres e sinais), fundar igrejas, estabelecer anciãos, supervisionar as igrejas, ser a principal autoridade ministerial nas igrejas que estão sob a sua responsabilidade, e receber e comunicar a revelação sobre o mistério de Cristo e da sua igreja. Quanto a «receber revelação», não me refiro a revelações diferentes das recebidas pelos apóstolos ou profetas do primeiro século (se assim fosse, rejeitá-las-íamos, declarando anátema a quem as ensinasse), mas à iluminação do Espírito Santo, que dá uma compreensão clara e fiel das antigas verdades reveladas aos apóstolos e profetas do primeiro século, registadas nas Sagradas Escrituras. Verdades muitas vezes ignoradas ou obscurecidas ao longo dos séculos sob a sombra de tantas tradições e erros. Graças a Deus pelos homens que Ele está a levantar hoje na Sua Igreja em todo o mundo, dando-lhes revelação sobre a antiga verdade da Sua Palavra.

O caráter distintivo do ministério apostólico e a responsabilidade que isso implica

Paulo era um apóstolo de Jesus Cristo; tinha sido um dos homens mais utilizados por Deus para divulgar o evangelho e fundar igrejas em muitas cidades e nações do Império Romano; possuía dons e virtudes ministeriais excepcionais; no entanto, nunca lhe ocorreu a possibilidade de fundar uma denominação e chamá-la de algo como «Associação Internacional das Igrejas do Apóstolo Paulo». E poderia ter tido a maior denominação da sua época. Por que não o fez? A resposta é muito simples:

- Deus tinha-lhe revelado o mistério da sua vontade, que é reunir tudo sob uma única cabeça: Cristo; e não Paulo.

-
- Ele sabia que o alicerce da Igreja é Cristo e não algum apóstolo. Paulo edificava sobre esse único alicerce.
 - Ele estava ciente de que a igreja pertencia a Deus. Paulo sabia que era um servo da igreja e não o seu senhor.
 - Tinha recebido a revelação do mistério de Cristo e da sua Igreja. A Igreja era o corpo de Cristo, e esse corpo não devia ser jamais dividido.
 - Ele sabia que apropriar-se das igrejas por ele fundadas seria uma alta traição contra Jesus Cristo. Quão significativas são as suas palavras aos Coríntios! Quando lhes diz: *«Porque tenho ciúmes de vós com o ciúme de Deus; pois vos desposo com um único esposo, para vos apresentar como uma virgem pura a Cristo»* (2 Cor. 11,2). Tal como o servo de Abraão fez com Rebeca: foi enviado para longe para a buscar e, no longo caminho de regresso, cuidou dela e honrou-a; e, ao chegar, apresentou-a como virgem pura a Isaac. Paulo sabia bem que a igreja não era sua nem para ele, mas de Cristo e para Cristo.

O perigo atual dos ministérios apostólicos

Louvamos a Deus pela restauração dos ministérios apostólicos nos nossos dias. Ao mesmo tempo, lamentamos alguns abusos, como nomeações em massa de apóstolos, o uso do termo «apóstolo» como um novo «estatuto» na hierarquia ministerial, etc. Mas, ao falar de perigo, quero referir-me a algo mais importante e central.

Muitos observadores apontam que a igreja em geral entrou numa fase «pós-denominacional». Por um lado, hoje em dia a identidade denominacional está praticamente esbatida. Atualmente, dizer que alguém é «batista», «católico» ou «anglicano» não é suficiente. Há «batistas» que são mais «pentecostais» do que os próprios «pentecostais», e há «católicos» que são mais «crentes» do que muitos «evangélicos». Etc.

Mas o aspeto que mais gostaria de destacar é o facto de estarem a surgir muitos ministérios fortes e dinâmicos, com características apostólicas, que crescem mais do que as denominações a que pertencem ou a que pertenceram em algum momento. A igreja em muitas nações, especialmente na América Latina, África e Ásia, está a crescer a um ritmo extraordinário — e glória a Deus por isso — mas muitos destes ministérios, por vezes sem o pretenderem, estão a tornar-se ministérios independentes e pessoais. Isto é acentuado pela restauração do ministério apostólico. Um apóstolo com a sua rede de igrejas, que muitas vezes acaba por ser o único líder, a autoridade absoluta e quase o dono da obra.

CONCLUSÃO

A restauração do ministério apostólico sem a visão da unidade da Igreja acarreta este tipo de perigos. Qual é o futuro do ministério unipessoal? Qual é a perspetiva a médio e longo

prazo dos movimentos de renovação? Precisamos de refletir seriamente sobre esta realidade contemporânea e sobre a unidade da Igreja, a fim de estabelecer as bases para uma eclesiologia bíblica.

O primeiro grande desafio que temos pela frente é clamar a Deus, pedindo-Lhe que derrame sobre todos nós e sobre os ministérios que estão a surgir em tantos lugares do mundo, «*espírito de sabedoria e de revelação no conhecimento dele*» (Ef 1,17). Que Deus, pelo seu Espírito, revele aos apóstolos e profetas dos nossos dias o mistério de Cristo e da sua igreja. É imperiosa a necessidade de verdadeiros apóstolos de Cristo.

O nosso segundo grande desafio é aprender a caminhar juntos. Isto não é fácil. Tem o seu preço. Mas é o único caminho para sermos salvos do individualismo, do personalismo, dos erros e das heresias; para nos libertarmos da tentação de usar os dons que Ele nos deu para construir os nossos próprios reinos. É o único caminho para voltarmos a ser Igreja, a Igreja com que o Pai sonhou, e que o mundo e os anjos anseiam ver.

Precisamos de criar um espaço internacional de reflexão e de oração; um espaço para a revelação, para ouvirmos juntos Deus e ouvirmos uns aos outros. Precisamos de comunicação, de saber o que Deus está a fazer nos diferentes lugares do mundo, o que Ele está a dizer hoje. Precisamos de um espaço para sonhar e para despertar, para voar e para aterrar.

Precisamos renovar o nosso pacto com Deus; um pacto de fidelidade e lealdade à revelação do mistério de Cristo. Um pacto de integridade, de renúncia, de consagração. Um pacto de amor entre nós, de respeito, de humildade, de companheirismo e amizade.

*«E que o Deus da paz, que ressuscitou dentre os mortos o nosso Senhor Jesus Cristo, o grande pastor das ovelhas, pelo sangue da aliança eterna, vos torne aptos para toda a boa obra, a fim de que cumprais a sua vontade, **fazendo ele em vós o que lhe é agradável por meio de Jesus Cristo**; a quem seja dada a glória para todo o sempre. *Ámen.*»* (Hb 13,20-21).

*«E àquele que é poderoso para fazer todas as coisas muito mais abundantemente do que pedimos ou compreendemos, segundo o poder que opera em nós, a ele seja dada glória na igreja em Cristo Jesus por todas as gerações, pelos séculos dos séculos. *Ámen.*»* (Ef 3,20-21)

Jorge Himitian

Texto traduzido com o DeepL Translate

Ernest Komanapalli

O SEGREDO DA ALEGRIA

O apóstolo Paulo escreve sobre isto de forma muito enfática. Ele diz que tudo está na nossa mente. Tudo começa na nossa mente e depois reflete-se na nossa vida.

Há circunstâncias que nos roubam a alegria, sobre as quais não temos controlo, mesmo sendo homens de Deus. É o Senhor quem permite que certas circunstâncias difíceis aconteçam. Se a nossa atitude for correta, sairemos vitoriosos dessas circunstâncias e não seremos vítimas delas.

Na carta aos Filipenses, Paulo afirma que a verdadeira unidade e a alegria só são possíveis em Jesus. Nos quatro capítulos da carta aos Filipenses, ele fala sobre a mente.

Uma segunda coisa que nos pode roubar a alegria são as pessoas. Elas podem trazer-nos alegrias, mas também podem roubar-nos a alegria. Não podemos isolar-nos das pessoas. Estamos no meio delas. Vemos todo o tipo de pessoas. Ouvimos todo o tipo de coisas. E, no entanto, temos de superar isso.

As coisas do mundo roubam-nos a alegria. Temos de ter muito cuidado para que as coisas do mundo não nos dominem e nos roubem a alegria.

Quatro atitudes que trazem alegria, apesar das circunstâncias, das pessoas e dos acontecimentos do mundo.

A primeira atitude: Simplicidade de espírito (Fil. 1,21 e 27).

«Para mim, viver é Cristo e morrer é ganho». Isto é ter uma mente simples. Ter uma única mente, um único propósito. No v. 27 diz: «... que estejam firmes num mesmo espírito, lutando unanimemente pela fé do evangelho». Reunimo-nos com uma única mente para lutar juntos pela fé do evangelho. Uma mente. Não podemos ter um único pensamento entre todos, mas todos podemos ter uma mesma disposição mental, uma única atitude que é exaltar Jesus Cristo neste encontro apostólico internacional.

A segunda atitude: Uma mente submissa (Fil. 2,3-4).

«Não façais nada por rivalidade ou por vaidade, mas com humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo; não procurando cada um o seu próprio interesse, mas também o dos outros.»

Reunimo-nos aqui, irmãos, e devemos ter esta atitude: dar preferência uns aos outros. Dar graças a Deus pelo meu irmão, pelos seus dons, pela sua inspiração. Estamos aqui para nos encorajarmos mutuamente, para nos levantarmos uns aos outros. Estar gratos por Deus nos ter permitido vir e ter comunhão com o meu irmão.

A terceira atitude: Uma mente espiritual. (Fil. 3,19-20).

«...Que só pensam nas coisas terrenas. Mas a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador...»

A nossa mente deve ser celestial, espiritual e não terrena.

Somos estrangeiros e peregrinos. Temos um mesmo propósito, uma mesma tarefa a cumprir: unir o corpo de Cristo. A nossa cidadania está nos céus. Enquanto estivermos na terra, temos uma missão; somos pessoas com uma missão. Vocês são pessoas especialmente escolhidas. Deus tem um propósito para vocês. Que Deus seja glorificado através da vossa vida, e que assim a nossa alegria seja completa.

O apóstolo Paulo escreve esta carta da prisão. Apesar dessa circunstância, o seu coração estava cheio de alegria. A mente natural dir-nos-ia que isso não é possível. Paulo superou a circunstância e todas as coisas que o podiam distrair. Apesar do sofrimento e das correntes, ele sentia alegria. A sua atitude e a sua mente eram espirituais e não terrenas. Uma mente espiritual coloca-nos acima das circunstâncias.

Deixem-me contar-vos algo pessoal. Eu fui a Southampton. A esposa do Tony Morton não estava bem, mas vi o Tony a dizer-me: «Deus é bom, Ernest. Deus é bom». Ele não se estava a queixar. Estava a louvar a Deus. No meu coração, eu estava a chorar porque a Hanna não estava bem. Noutra momento, ela tinha estado a liderar o louvor, o que me tinha abençoado muito. A próxima notícia que tive dela foi que estava doente, que não se sentia bem. Mas a atitude do Tony era: Deus vai curar a minha esposa. Vitória sobre as circunstâncias. Hoje ela está perfeitamente saudável e a desfrutar da vida. Esta é a mente espiritual. Não colocamos os nossos pensamentos nas coisas. Concentramos a nossa mente no espiritual, e Deus ouve, responde e cura.

A quarta atitude: Uma mente segura. (Fil. 4,7-8)

«E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e pensamentos em Cristo Jesus.» Essa é a nossa segurança. Estamos seguros em Cristo. O versículo 8 diz-nos em que devemos pensar.

Os quatro capítulos falam sobre isto, sobre a nossa mente, sobre a nossa atitude: uma mente simples, submissa, espiritual e segura. Que esta seja a nossa maneira unânime de pensar em Cristo Jesus.

Ernest Komanapalli

Orville Swindoll

Quando Deus visita o seu povo

Quem é que não gosta de receber a visita de um bom amigo? Dá-nos a oportunidade de nos pormos a par das novidades e dos acontecimentos, de reavivar a relação e de recordar experiências memoráveis e valiosas. Mas não deixa de ser uma visita e, por isso, chega o momento em que ela termina, obrigando-nos a regressar à rotina do dia-a-dia. Sabendo disso, procuramos tirar o máximo partido da oportunidade que a visita nos oferece.

A Bíblia revela que Deus também, de vez em quando, visita o seu povo de uma forma especial, permitindo um aprofundamento da relação íntima com Ele. As suas visitas proporcionam sempre consolo e renovação, mas implicam também a necessidade de nos tornarmos mais sensíveis à sua voz, mais atentos ao que Ele deseja comunicar-nos nessas ocasiões tão especiais.

Quem se lembra de alguma dessas ocasiões especiais de intervenção divina?

A vida de uma pessoa não é uma mera rotina em que tudo se desenrola segundo um esquema monótono; tem os seus altos e baixos, as suas luzes e sombras. Há momentos em que a aprendizagem é mais fácil, e a integração de novas realidades na vida é mais viável. As crianças, por exemplo, estão muito mais dispostas a aprender coisas novas do que os adultos. Os noivos estão mais propensos a ouvir-se um ao outro do que aqueles que já têm vários anos de vida conjugal. Um novo seguidor de Cristo costuma ter uma fome e uma sede mais intensas de Deus e da Sua palavra do que uma pessoa que já é crente há muitos anos.

A importância desta realidade torna mais compreensível o lamento de Jesus sobre a cidade de Jerusalém e os seus habitantes, tal como relata Lucas:

Quando chegou perto da cidade, ao vê-la, chorou por ela, dizendo:

*«Ah, se também tu soubesses, pelo menos neste teu dia, o que é para a tua paz! Mas agora isso está oculto aos teus olhos. Pois virão dias sobre ti em que os teus inimigos te cercarão com fortificações, te sitiarão e te apertarão por todos os lados... porque **não***

reconheceste o tempo da tua visitação.»

Lucas 19:41–44 (RVR 1960)

Com a vinda de Jesus, o Messias, e com o anúncio de que «o reino dos céus está próximo», Deus determinou uma mudança profunda e maravilhosa no destino do povo de Israel. Ele quis transformar o seu lamento em dança, o seu choro em canto. Ele quis substituir as tábuas da lei por uma experiência maravilhosa da graça de Deus no coração. Queria aproximar os pais dos filhos e os filhos dos pais, bem como tornar mais amorosa e atenciosa a relação entre maridos e esposas. Queria aliviar o fardo dos aflitos, abrir os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos, ao mesmo tempo que devolvia a esperança e a felicidade aos desanimados e aos que se tinham desviado.

Mas, por mais compassivo e misericordioso que Jesus fosse, o povo em geral fechou-lhe o coração. Após um encanto inicial, rejeitou o seu convite para uma vida de intimidade e responsabilidade. Não se convenceu da vantagem de abandonar as suas tradições habituais para abraçar uma vida de fé e entrega à vontade de Deus.

Assim, fechou a porta à sua oportunidade de conhecer uma vida nova, cheia de aventura e perspectivas, e voltou à rotina exaustiva e opressiva de antes. Deixou passar a sua oportunidade; a sua esperança desapareceu. Agora, restava apenas aguardar as consequências inevitáveis desse triste erro.

A palavra traduzida por *visitação* no texto de Lucas significa «uma manifestação ocasional do poder divino» ou «uma visitação da graça que se manifesta como proteção ou cuidado». A mesma palavra aparece em 1 Pedro 2:12:

*Mantendo um bom modo de vida entre os gentios; para que, quando murmuram contra vós como se fossem malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da **visitação**, ao verem as vossas boas obras.*

Com isso, Pedro exorta os seus irmãos na fé a viverem no mundo de acordo com a vontade e a santidade de Deus, para que, no dia em que Deus se manifestar com poder e glória, outros possam glorificar o Senhor pela fidelidade dos seguidores de Cristo. Até que Deus se manifeste em glória e poder, muitos não perceberão o valor de uma relação íntima com Ele.

Na versão grega do Antigo Testamento (a Septuaginta), a mesma palavra aparece em Génesis 50:24, quando José demonstra a sua grande confiança no desígnio de Deus para com o seu povo:

*E José disse aos seus irmãos: «Eu vou morrer; mas Deus certamente vos **visitará**, e vos fará subir desta terra para a terra que jurou a Abraão, a Isaac e a Jacob».*

Dessa forma, José previu que, quando Deus visitasse o seu povo, a sua vida de escravidão no Egito chegaria ao fim.

Essa ocasião chegou muitos anos mais tarde, tal como se lê em Êxodo 3:16–17, nas palavras de Deus a Moisés, quando o chamou para ser o libertador de Israel:

*Vai, reúne os anciãos de Israel e diz-lhes: «O Senhor, o Deus dos vossos pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, apareceu-me e disse: Na verdade, eu **visitei-vos** e vi o que vos está a ser feito no Egito; e disse: Eu vos tirarei da aflição do Egito ...»*

Me parecen obvias varias lecciones de estos textos:

Dios es el único que puede determinar cuándo nos visitará de esa manera especial, a fin de revelar la abundancia de su gracia, su cuidado y su protección.

Nos toca estar atentos a esas ocasiones cuando Dios obra de una manera que no habíamos anticipado y nos involucra en su propósito soberano. Esta actitud dispuesta y receptiva ante el Señor debe caracterizar siempre nuestra relación con él.

Debemos entender que esa visitación divina implica una «ventana» maravillosa, que no siempre estará abierta. Cuando Dios visita a su pueblo podemos experimentar un gran adelanto, un crecimiento significativo. O la podemos perder y sufrir las consecuencias de una vida ofuscada y rutinaria en el plano espiritual.

Dios ha determinado visitar a su pueblo. ¿Estaremos listos y dispuestos?

Orville Swindoll

Ariovaldo Ramos

A Igreja como terceira filha

Leitura bíblica: Lucas 15,11-12

«Um homem tinha dois filhos; e o mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte da herança que me cabe”; e ele repartiu-lhe os bens.»

Esta é uma palavra muito conhecida, mas queria partilhar convosco algumas impressões.

A primeira é que aqui temos um homem com dois filhos. Quando o filho mais novo surpreendeu o pai com isto, o filho matou o pai no seu coração. Rompeu com o pai e foi-se embora. Ele foi surpreendido pela vida e, sem o pai, não soube o que fazer; deitou tudo por terra e caiu na miséria. Então, estando lá longe, o pai ressuscitou no seu coração. Finalmente compreendeu a bondade do pai; simplesmente ao pensar no que o pai fazia com os seus empregados, o pai ressuscitou no seu coração. Ele voltou apenas para lhe pedir emprego, não sentia que tivesse a possibilidade de ser tratado como filho. Foi então que o pai surpreende o filho. Antes de o filho terminar o seu discurso de pedido de perdão, o pai abraça-o e leva-o para o seio da família, dá-lhe o anel da família e as vestes de príncipe.

E ali, nesse momento, sem se aperceber, o pai comete um erro: manda matar o bezerro gordo para fazer um churrasco em homenagem ao filho mais novo. Por que digo que ele cometeu um erro? Por duas razões: Primeiro. Porque o bezerro pertencia ao filho mais velho; pois quando o mais novo pediu a herança, o pai repartiu os bens entre os dois. Portanto, aquele animal era do irmão mais velho. A segunda razão pela qual digo que o pai cometeu um erro é que ele esperava algo diferente do filho mais velho. Ele pensava que tinha um filho, e ali descobriu que tinha outro. Quando o irmão mais velho chegou, ao ver a festa, disse: «Eu não quero participar nisto». E aí surpreendeu o pai. O pai contava com que o mais velho fosse celebrar, tal como ele, o regresso do irmão mais novo. Mas ele, não só não comemorou como surpreendeu o pai ao demonstrar que o seu coração nunca tinha estado em sintonia com o coração do pai. Ele disse-lhe: «Eis que há tantos anos que te sirvo... e nunca me deste nem um cabrito para me divertir com os meus amigos». O pai ficou surpreendido, pois entendia que o que era dele era dos filhos. Além disso, ele já tinha repartido os seus bens pelos dois filhos. Por isso, o pai diz-lhe: «Podias ter feito tantas festas quantas quisesses». O problema, mais uma vez, estava no coração dos filhos. O primeiro filho teve problemas com o pai, e o segundo também. O coração deles não

estava em sintonia com o do pai. Eles conheciam a lei do pai, mas não o espírito nem o coração do pai.

Creio que, ao falar destes dois filhos, Jesus Cristo está, na verdade, a tentar falar-nos de um terceiro filho; aquele filho que o pai gostaria de ter encontrado no dia do churrasco. Quando Jesus chegou à Terra, encontrou o seu povo dividido em dois grupos, tal como Lucas descreve no mesmo capítulo 15 desta parábola, nos versículos 1 e 2: *«Todos os publicanos e pecadores aproximavam-se de Jesus para o ouvir, e os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: «Este recebe os pecadores e come com eles».* Uns, os publicanos e pecadores, aqueles que em algum momento se afastaram de Deus, assemelham-se ao filho mais novo que pediu a sua herança e partiu. Os outros, os fariseus e os escribas, são representados pelo filho mais velho que ficou com o pai, aparentemente. Na verdade, eles diziam do Pai algo como: *«é mau com ele, mas pior sem ele, por isso é melhor eu ficar».* Mas nunca compreenderam o Pai. Talvez por isso afugentem os irmãos mais novos. Penso que Jesus está a falar de um terceiro filho, a quem chamo a Igreja, talvez uma filha. Ela, sim, amaria o Pai pelo próprio Pai. E amaria os irmãos pelos irmãos. Ela, a Igreja, seria o terceiro filho ou a terceira filha que viveria sempre com o Pai, pelo Pai e através do Pai. O Pai seria a sua fonte de alegria, a sua fonte de vida. Os irmãos seriam os seus sonhos missionários. Ela iria buscá-los para os recuperar. Faria qualquer sacrifício para que eles conhecessem o Pai tal como Ele realmente é.

Compreendo que, quando Jesus contava isto, ao encontrar o seu povo dividido nestes dois grupos que não souberam compreender o Pai, e ao exclamar: *«Eu edificarei a minha igreja»*, Ele queria dizer: Eu vou gerar o terceiro filho, que amará o Pai como eu o amo, que O servirá como eu O sirvo, que terá Nele o mesmo prazer que eu sinto, que a sua comida e bebida será fazer a vontade do Pai, e que amará os seus irmãos como eu os amei até ao ponto de dar a minha própria vida. Penso que esta é a nossa vocação. Somos líderes da igreja do Senhor pela misericórdia inexplicável de Deus, e compreendo que esta é a nossa missão.

É interessante pensar que esta parábola é acompanhada por outras duas. A primeira, a da ovelha perdida. *«Qual de vós, tendo cem ovelhas, se perder uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai atrás da que se perdeu, até a encontrar?»* Qual é a resposta a uma pergunta deste tipo? A resposta é: Ninguém. Ninguém deixaria noventa e nove ovelhas no deserto para ir à procura de uma. Primeiro iria ao curral para levar as noventa e nove, e depois veria o que se poderia fazer pela que se perdeu. E Jesus parece dizer-nos: Eu vou gerar um novo filho que fará qualquer loucura para procurar aqueles que estão perdidos; qualquer sacrifício.

E a outra parábola: *«Ou que mulher, se tiver dez dracmas e perder uma, não acende a lâmpada, varre a casa e procura com diligência até a encontrar?»*. Isto dá-nos a sensação

de que a dracma é muito valiosa. Parece que Jesus está a dizer: Vou gerar um terceiro filho para que todo o ser humano seja resgatado através do trabalho que for necessário.

Por fim, gostaria de dizer que ser o terceiro filho implica algo mais. Sim, implica amar o Pai como Cristo O amou, ao ponto de fazer da vontade do Pai o seu alimento e bebida, o seu prazer e alegria; amar os filhos de Deus como Cristo os amou, ao ponto de dar a sua vida por eles; mas significa também cuidar dos bens do Pai. Tendo em conta o que aquele pai disse ao filho mais velho: *«tudo o que tenho é teu»*, penso que todos os líderes da igreja de Jesus Cristo, como vocês (e não me incluo neste grupo seletivo), precisam de servir como altos oficiais das forças do reino de Deus, o comando superior, os grandes estrategas. Pensar nas coisas do Pai, no que interessa ao Pai nesta terra onde estamos, para que a sua vontade seja feita, a sua glória reconhecida e o seu Nome exaltado; para que os homens conheçam a Deus. Pois não há um único ser humano que não subsista pela graça de Deus. E o nosso papel é fazer com que eles reconheçam Deus, Aquele de quem todos dependem e por causa de quem continuam a viver. Diante do Senhor, temos essa responsabilidade. Não estamos aqui para tomar o que pertence ao Pai e fazer o mesmo que fez o filho mais novo. Nem para fazer o que fez o mais velho. Compreendendo que somos apenas servos, mas Jesus Cristo disse: *«Já não vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz; mas chamei-vos amigos»*. Mas ao amigo conta-se tudo, do amigo espera-se cooperação. O amigo envolve-se, ocupa-se das nossas coisas como se fossem suas. Ó, que pela graça de Deus nos tornemos estrategas! E que, olhando para o mundo, nos perguntemos: Onde vamos atacá-lo? Onde vamos estabelecer a autoridade do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo? Onde vamos evangelizar? Onde vamos cobrir com intercessão? Onde vamos concentrar os nossos esforços?

Ariovaldo Ramos